



# **A micropolítica das relações em sala de aula: aproximações entre Foucault e bell hooks**

**Palavras-Chave: Educação, poder, verdade**

**Autores(as):**

**Letícia Rodrigues de Almeida, IFCH – Unicamp**

**Prof. Dr. Christian Fernando Ribeiro Guimarães Vinci (orientador), FE - Unicamp**

**Profa. Dra. Jéssica Kellen Rodrigues (orientadora), IFCH - Unicamp**

---

## **INTRODUÇÃO:**

Este trabalho de iniciação científica tem como objetivo investigar, por meio de pesquisa bibliográfica, a afetividade na relação entre professora e aluno na trilogia da educação de bell hooks em diálogo com o conceito foucaultiano de poder. Busca-se, nesta pesquisa, estabelecer um campo de discussão entre o pensamento de Foucault e bell hooks afim de enriquecer o debate educacional acerca das práticas pedagógicas contemporâneas.

Para isso, me debrucei sobre os conceitos de poder, dominação, verdade e ética nas obras dos dois autores com a finalidade de estabelecer uma conversa entre seus quadros teóricos e promover novas maneiras de ler os autores. A partir disso, o conceito de epistemicídio de Sueli Carneiro (2023) foi incorporado à discussão para entender como certas formas de governo podem reforçar a dominação colonial. Ao também entender a relevância da educação para a produção de poder e verdade, Carneiro se torna uma aliada para enriquecer tanto a obra de Foucault quanto às proposições práticas da pedagogia de bell hooks.

Proponho aqui, portanto, uma leitura da ética amorosa de bell hooks por uma matriz foucaultiana. Partindo da produção de saberes hegemônicos enquanto uma prática colonial que impõe silenciamentos sobre os saberes na sala de aula, a ética do amor aparece como uma alternativa para a promoção de trocas de conhecimento mais democráticas.

## **METODOLOGIA:**

A metodologia empregada na pesquisa é a leitura estrutural a partir dos preceitos de leitura de Cossutta (1994) das obras de Foucault e bell hooks. Sobretudo, de Foucault, os artigos integrantes da

coleção *Microfísica do Poder* (2017), *O Sujeito e o Poder* (1995) e *Ditos e Escritos - vol. V* (1994) com a finalidade de realizar um quadro analítico acerca dos conceitos de poder, ética e governo.

A partir disso, a pesquisa bibliográfica se debruça sobre a trilogia da educação de bell hooks, isso é, *Ensinando a Transgredir* (2019), *Ensinando Pensamento Crítico* (2020) e *Ensinando Comunidade* (2021) e também quando necessário o aprofundamento teórico na trilogia sobre o amor, ou seja, *Tudo sobre o Amor* (2021), *Salvação* (2024) e *Comunhão* (2024).

Desta forma, observa-se a práxis de hooks suas aproximações com a conceituação de Foucault e suas possibilidades de análise para se pensar a subjetivação dos corpos presentes em uma sala de aula.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Autor →	Foucault	bell hooks
Conceito ↓		
Poder	Rede produtiva	Rede produtiva
Dominação	Poder estagnado	Capitalismo patriarcal supremacista branco
Verdade	Produto das instituições	Produto da cultura
Ética	Prática refletida da liberdade	Amor como ação

A partir do levantamento bibliográfico primeiramente de Foucault (2017), foi possível a realização da sistematização de conceitos-chave. Foram priorizados os temas que melhor refletem a temática das relações de poder em sala de aula, a saber: poder, dominação, governabilidade, governo e verdade. O autor compreende poder como a produção de saberes presente em todas as relações sociais no exercício de conduzir condutas.

Entretanto, um saber apenas obtém legitimidade se estiver enquadrado em um regime de verdade. Sendo assim, a produção da verdade é uma invenção dos detentores de poder por meio de diversas instituições, inclusive as educacionais. As instituições para Foucault (2017) são qualquer lugar onde as relações de poder se manifestam, podendo ser a escola e o Estado, mas também a família, a heterossexualidade ou a cultura.

Ademais, a governamentalidade é justamente a capacidade de gerar condutas, a qual pode ou não ser organizada em um regime de governo para levar o poder a um fim conveniente. Dentro de um regime de poder que legitima uma certa verdade, a dominação existe para tornar essa verdade enquanto hegemônica. A dominação, por sua vez, trata da cristalização das relações de poder, isto é, apenas um dos pólos da relação tem seus saberes levados em consideração, sendo o único detentor de poder. Portanto, para Foucault (2017) o poder tem uma dimensão positiva, se tornando negativa ao se fixar em dominação.

O poder em bell hooks também pode ser compreendido como uma rede produtiva, já que o poder dominante, nomeado como “capitalismo patriarcal supremacista branco” produz saberes alinhados a uma cultura da dominação. Isso implica a produção de subjetividades e afetos que seguem a mesma lógica, imprimindo um regime de verdade específico no real.

Mas, tanto em bell hooks como em Foucault, onde a poder, há resistência. Portanto o poder aqui não é meramente repressor do diferente e reprodutor de sua lógica, mas também produtor da resistência. bell hooks enfatiza como a linguagem é uma forma poderosa de exercer poder. Ao nomearmos nossa experiência e refletirmos sobre ela de forma crítica, há a possibilidade de produção de uma contra cultura feminista, antiracista e anticapitalista.

Conforme esse quadro teórico, o conceito de epistemicídio de Sueli Carneiro (2023) foi incorporado à discussão. O dispositivo de poder como conceituado por Foucault (2017) e enriquecido por Carneiro (2023) como dispositivo de racialidade nos permite entender como a produção da verdade hegemônica, entendida como fruto do processo do estabelecimento da ciência colonial moderna enquanto verdade no ocidente, opera de forma a matar os saberes dos povos colonizados. Isso nos ajuda a compreender o governo em bell hooks.

O conceito de governo aparece em bell hooks de maneira indireta ao tratar de como professores podem exercer seu poder de maneira a reforçar a dominação. A humilhação, por exemplo, é uma estratégia de dominação usada por professores que têm medo de perder o poder ou o “controle”, a “ordem”, a “disciplina” da sala de aula (hooks, 2024). Ao humilhar estudantes, silenciam os saberes que poderiam enriquecer o conhecimento e promovem um epistemicídio.

Por outro lado, em ambientes de aparência mais progressista como as salas de aula feministas presentes nos relatos da vida universitária de bell hooks, o governo aparece de maneira a extrair relatos dos estudantes. Isso pode ser feito de maneira violenta, pois muitas vezes alunos de grupos marginalizados, que já são silenciados pelos sistemas de dominação operantes na academia e na sala de aula, são requeridos a falar apenas quando é preciso falar com base na experiência (hooks, 2019).

Portanto, o governo por uma ética amorosa em bell hooks parte do reconhecimento da contribuição e da voz de cada um e cada uma em sala de aula. Baseada na pedagogia freiriana, onde cada um é responsável pelo conhecimento, ela propõe que para a educação ser libertadora, cada indivíduo presente também deve se sentir respeitado para erguer sua voz. O acolhimento em uma comunidade em que se possa aprender e ensinar criticamente é o objetivo último da educação para bell hooks, portanto as formas de governo para levar a isso seguem a ética do amor.

Desta forma, foi orientado o aprofundamento teórico do conceito de ética para a compreensão das diferentes governabilidades possíveis na relação entre professora e aluno. A ética é entendida por Foucault (2017) como uma prática refletida de uma teoria da liberdade. Aqui, estabeleci a aproximação filosófica com bell hooks (2021) ao refletir sobre o amor enquanto uma ação. A autora inicia sua trilogia

do amor em *Tudo sobre o Amor* definindo-o conceitualmente. Para a autora, a clareza a respeito do conceito de amor é fundamental para a construção de uma ética amorosa. Respeito, cuidado, justiça, afeição, reconhecimento, compromisso, confiança, honestidade e comunicação aberta são os valores que ela escolhe para construir uma teoria da liberdade coletiva partindo do amor como motor para a prática pedagógica. A ligação entre teoria e prática para hooks (2019) é indispensável no processo de libertação coletiva.

Ademais, ambos enfatizam a importância do “eu” ou “self” para a ética, isto é, eles entendem que uma conduta ética com o outro só é possível a partir do cuidado de si de forma integral. Em decorrência disso, tanto Foucault por influência principalmente de Nietzsche quanto a arquitetura conceitual situada na experiência de bell hooks questionam a cisão moderna entre corpo e mente cada um à sua maneira. Por entender que o corpo é a superfície de inscrição dos acontecimentos, Foucault (2017) dialoga com a teoria crítica da raça presente em bell hooks para estabelecer o corpo enquanto local privilegiado para analisar as disputas de poder. Afinal, a especificidade de cada corpo produz e informa diferentes saberes.

Foi possível constatar a diferença entre o conceito de poder para os dois autores. Enquanto Foucault distingue claramente poder de dominação, hooks, apesar de ter uma compreensão do aspecto positivo do poder principalmente a partir da partilha comum de diferentes saberes por meio da comunicação escrita e oral (hooks, 2019), a autora por vezes usa o termo “poder” para falar de dominação, seja essa patriarcal, capitalista, da supremacia branca ou de relações interpessoais (hooks, 2021). Ao mesmo tempo, também se utiliza do termo “dominação” principalmente para falar em “estruturas de dominação”, fazendo um uso interessante do conceito de dominação para enfatizar politicamente sua rigidez e totalidade, a qual resulta em uma “cultura da dominação” e “política da dominação” (hooks, 2019). Por outro lado, “estrutura” é um termo atacado por Foucault, preferindo o uso de “acontecimento”. Essa divergência indica uma diferença nos usos políticos das obras de bell hooks e Foucault.

No entanto, para ambos é muito evidente a atuação do poder no corpo, desta forma a noção de biopoder de Foucault tem sido enriquecida ao longo desta pesquisa com as contribuições de bell hooks acerca das reflexões de corpos racializados e generificados em sala de aula. A cisão filosófica entre corpo e mente é duramente criticada pelos dois autores por impor limites compartimentalizados à produção de conhecimento e de verdade acerca do mundo.

## **CONCLUSÕES:**

Uma educação baseada na ética do amor é motivada pelo profundo prazer de conhecer. O prazer de conhecer enquanto possibilidade de saber e poder não mais para dominar, mas para criar outras formas de existir. Tal conhecimento passa necessariamente pela experiência do corpo no mundo. O

conhecimento suscitado não pela “autoridade da experiência”, mas pela “paixão da experiência” (hooks, 2019) incentiva o diálogo e o confronto de ideias em sala de aula por reconhecer a voz de cada pessoa presente.

O corpo é *locus* de saber tanto para Foucault quanto para bell hooks. A partir da intersecção entre a metodologia de bell hooks, a qual parte de sua experiência enquanto mulher negra no ambiente acadêmico para pensar políticas educacionais, e a recusa de narrativas universalizantes por Foucault, a relevância do corpo enquanto produtor de saberes e poderes é aqui suscitada por meio do afeto.

É na dimensão do afeto que o poder interfere no corpo. A vergonha, a raiva, o medo, a desesperança, a formação das nossas subjetividades é a arma mais poderosa desse sistema. É no corpo, nos sentimentos mais profundos que o sistema nos violenta. Por isso, ela escolhe o amor.

O amor faz parte de sua pedagogia, pois ela se engaja na troca amorosa com os estudantes. Seu objetivo é fazer da sala de aula uma comunidade pedagógica, onde todos possam falar e serem ouvidos, tendo seus conhecimentos profundamente reconhecidos e valorizados. Exemplos de sala de aula que são verdadeiras comunidades precisam ser compartilhados para serem multiplicados e seguirmos a reflexão crítica acerca da teoria e prática de ensino e aprendizagem.

## **BIBLIOGRAFIA**

CARNEIRO, Sueli. Dispositivo de racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser. Zahar, Rio de Janeiro, 2023.

COSSUTTA, Frédéric. Elementos para a leitura dos textos filosóficos. Martins Fontes, São Paulo, 1994.

FOUCAULT, Michel. michel foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. Verve, 5: 260-277, 2004

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. Michel Foucault " uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

hooks, bell. Comunhão: a busca das mulheres pelo amor. São Paulo: Elefante, 2024.

hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

hooks, bell. Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.

hooks, bell. Ensinando Pensamento Crítico: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020.

hooks, bell. Salvação: pessoas negras e o amor. São Paulo: Elefante, 2024.

hooks, bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021.